



ENÉIAS TAVARES

APRESENTAÇÃO POR
ANDRÉ CORDENONSI

CONTOS MAL VISTOS
& RETRATOS MAL DITOS

PARTE II – A LIÇÃO DE ANATOMIA

BRASILIANA STEAMPUNK

CONTOS MAL VISTOS
& RETRATOS MAL DITOS

Noveleta em Duas Partes

Parte II

A Lição de Anatomia,
uma pintura de Basílio de Andrade Neto

Escrito por
Enéias Tavares

Capa & Arte por
Diego Cunha

Apresentação por
Andre Cordenonsi

Todos os direitos reservados

Para

Carú Biasuz,

Pela intensidade das tuas pinturas

&

Pela feminina ternura das tuas figuras.

O que os poetas fazem com palavras,

Tu fazes com tintas e pinceis.

SUMÁRIO

Apresentação, por Andre Cordenonsi | 05

CONTOS MAL VISTOS & RETRATOS MAL DITOS

Parte II - A Lição de Anatomia | 08

Sobre mulheres corajosas & influências poderosas,
por Enéias Tavares | 36

Biografia dos Autores | 40

APRESENTAÇÃO

Num dia chuvoso, na minha não tão pacata Santa Maria, estávamos eu e Nikelen Witter reunidos na Livraria Athena para explorarmos um pouco de um tipo de literatura que nos aproximava: o Steampunk.

Era o primeiro “Santa Fumaça”, evento que pretendíamos organizar periodicamente. Na plateia, públicos de todas as idades, gêneros e identidades.

Entre eles, um garboso moçoilo de olhar atento e modos refinados, que nos abordou após a nossa fala. Conhecíamos ali Enéias Tavares, um sujeito de trato afável e muito curioso. Poucas semanas depois, descobrimos que também se tratava de um escritor sem igual.

O fruto das suas ideias e talento e do nosso parco incentivo é o fantástico A lição de anatomia do temível dr. Louison, um belo exemplar da renovada literatura fantástica nacional. Mais do que um autor, encontrei ali um amigo.

Quem realmente os tem, sabe como são parcos e difíceis de se manter. Nossos caminhos se cruzaram quase que por acaso e não faria sentido fazer pouco de destino.

Agora, nesta série de contos, ricamente ilustrados pelo Diego Cunha e Jéssica Lang, aprendemos mais sobre o universo do Brasiliana Steampunk. Suas idiossincrasias, seus personagens maravilhosamente mutantes, suas histórias terríveis e belas.

Se aventure comigo em mais um capítulo desta saga... se tiver coragem!

A. Z. Cordenonsi

www.facebook.com/AZCordenonsiAutor

www.azcordenonsi.com.br

twitter.com/azcordenonsi

NOITÁRIO DO PINTOR BASÍLIO DE ANDRADE NETO

Porto Alegre dos Amantes, 27 de junho de 1911.

Depois de meses trancado no estúdio e em mim mesmo, abri as janelas altas, deixando a luz e o vento penetrarem na alcova. Ao redor das minhas telas, restos de comida, garrafas semi-esvaziadas, restolhos de telas começadas, pinceis abandonados e carcomidos, tintas caoticamente misturadas.

Eu precisava limpar o lugar, assim como precisava limpar meu espírito.

Louison foi finalmente descoberto e preso.

Agora, aguarda julgamento como um urso feroz acorrentado.

De mãos atadas pela minha covardia e pelo meu temor, deixei que ele concluísse sua insânia. Os seis modelos de “A Camarilha da Dor” estão mortos. Seus corpos despedaçados e seus órgãos utilizados como modelo para gravuras fisiológicas que foram e ainda continuam expostas.

Os jornais fazem a festa e a galeria pública não consegue conter as multidões que assomam o Palácio do Estado na tentativa de testemunhar o registro dos crimes de Louison.

Até poucos dias, visitavam a mostra pela beleza do seu traçado.

Hoje, vão para perscrutar a loucura de suas ações.

Há poucos dias, embrulhei a tela, preparando-a para o transporte. Aguardava as instruções de meu cliente maldito. Agora, corria o risco de condenar minha sorte a conviver com essa maldição inscrita em tintas e óleos.

Num ímpeto, enquanto a luz batia em meu corpo seminu,

um corpo que há dias não via uma tina de água pura, peguei um buril e me dirigi à tela revestida de papel amarronzado.

Poderia eu destruí-la? Não seria meu dever acabar com tal obra?

Dei dois passos, ignorando a luz outonal que cegava meus olhos e desviando dos vestígios que tornavam o chão do estúdio um território insalubre.

Ao avançar em direção à obra que pretendia assassinar fui interrompido pela batida em minha porta.

Seria a polícia?

Teria Louison revelado minha cumplicidade? Ou teriam os jornalistas de ocasião descoberto a existência da obra que poderia alçar os crimes de Louison a outro patamar de insanidade?

Deixei o buril repousar ao lado do embrulho e vesti o roupão manchado de tinta.

Ao abrir a porta para rua, surpreendi-me ao ver apenas uma velha senhora, morena e atarracada, vestida de luto dos pés à cabeça.

Depois de instantes a reconheci: era a governanta de Louison.

Olhando para os dois lados da rua, solicitou permissão para entrar.

Eu assenti, consciente de que uma renovada angústia aguardava-me.

A velha retirou o chapéu e seu rosto traduziu o repúdio. Acostumada à limpeza, condenava em silêncio os cheiros e a balbúrdia do meu habitat.

“Os jornalistas e policiais não me deixam em paz, meu senhor. Saí escondida, e só cheguei aqui depois de visitar três igrejas e despistar meus perseguidores. Estão devassando a casa do meu patrão, coitado. Felizmente, madame Beatriz está lá para não permitir que as riquezas dele sejam destruídas no processo.”

Achei engraçada a cena: uma senhora branca chamando uma jovem negra de “madame”. Quase ri da modernidade desses tempos.

“Um absurdo desses,” continuou. “Dizer que o patrão é matador. Logo ele que sempre me tratou muitíssimo bem...”

Ignorei-a e lhe ordenei que me dissesse a razão de sua visita.

“Uma carta”, respondeu-me, tirando da bolsa de missa um fino envelope que me estendeu. O lacre avermelhado que eu tão bem conhecia amedrontou-me. “Uma carta escrita há semanas por meu patrão e endereçada ao senhor. Madame ordenou que eu lhe entregasse. Temia que as forças policiais a encontrassem e viessem lhe importunar.”

A consorte de Louison temia por comprometer-me ou por comprometer-se?, questionei em meu pensamento.

Peguei o envelope e agradei à velha.

Depois de dispensá-la, fechei a porta e tranquei-a, não sabendo se voltava à insana tarefa de destruir minha criação ou se lia as palavras daquele demônio, que agora os jornais nominavam de o “Estripador da Perdição”.

Depositei o envelope com cuidado sobre a mesa e servi uma taça de vinho, misturando displicentemente os restos das garrafas espalhadas pela sala. Depois de beber seu conteúdo e sentir meus nervos acamarem-se, deitei-me no divã macio. Abri o envelope lino, quebrando o lacre que trazia um delicado “L” gravado sobre a cera vermelho sangue.

Os pingos carmins ressecados sobre o papel amarelado despertaram minha atenção. Louison sabia transformar tudo em arte.

Fosse um simples envelope de carta. Fosse o sangue de suas vítimas derramado sobre a macia pele estraçalhada.

Silenciando minhas reflexões, sorvi suas palavras como sorvera o vinho.

[Anexamos à narrativa a seguinte missiva,
escrita em papel linho com letra rebuscada em azul turquesa]

Porto Alegre dos Amantes, 22 de junho de 1911.

Meu caro Basílio

Se estás lendo esta carta é porque neste momento estou encarcerado.

Nos últimos meses, temendo que minhas ações fossem descobertas, fiz preparativos para que os próximos a mim não fossem prejudicados. Embora tenhamos nos afastado nos últimos anos e eu tenha certeza do quanto te prejudiquei com a fatal revelação das minhas ações, ordenei que esta missiva fosse entregue a ti o mais rápido possível, caso eu fosse capturado.

Não quero que sejas surpreendido por grosseiros policiais ou impertinentes jornalistas, de carne ou metal frio, com perguntas que poderiam expor-te à opinião pública. Nunca foste meu cúmplice. O mesmo posso afirmar sobre Beatriz. Saber da faca empunhada contra os torpes não é o mesmo que empunhá-la, não é mesmo? Sei que este tópico mereceria mais espaço, mas tempo, meu caro, é um luxo com o qual não conto nesses dias.

Estou reescrevendo meus diários, subtraindo deles quaisquer registros que possam levar aos que me são caros. Ademais, estou organizando as missivas recebidas, que deixarei aos cuidados de amigos confiáveis, longe dos olhares curiosos e moralistas que no caso da minha prisão tornar-me-ão um monstro de histórias policiais e os meus conhecidos, cúmplices.

Espero, caro amigo, se ainda posso chamar-te assim, que tenhas a paciência para aguardar do tempo as respostas que esclarecerão os motivos das minhas ações e o porquê de ter levado os

retratados por ti à morte.

Deve um poeta dar um nome à obra de um pintor? Não estaria o texto direcionando a compreensão da imagem a um sentido único? Lembra-te de tal discussão, ocorrida há quase vinte anos, quando ambos admirávamos o jovem escritor Dante D'Augustine?

Hoje, aquela conversa, como tantas outras que a seguiram, parece esquecida nas brumas das nossas lembranças. Hoje, o falso realismo das fotografias praticamente substituiu a fidelidade artística do trabalho do pintor e do gravurista. Todavia, ainda há tempo para interpretações pictóricas que resistam ao tempo, não é mesmo?

Penso que “A Camarilha da Dor”, em seu título simples e, creia-me, verdadeiro, resume os objetivos dos integrantes daquele grêmio vil de nobres apenas no sangue e na alcunha. Agradeço por teres assentido ao meu pedido, tanto da feitura do quadro quanto do título dado à tua obra.

Agora, entretanto, deito essas palavras sobre o papel, para pedir-te um último favor: uma tela que registre em cores e sombras, em linhas delineadas em carvão e finalizadas com o pincel mais delicado, não mais a perfídia alheia e sim a amizade que uniu um singular grupo de companheiros.

Penso que ao lado da tela anterior, esta figuraria como meu epitáfio, anotando em imagem não apenas as razões dos assassinatos que cometi, como também os amigos queridos que desejei proteger de minhas dúbias ações. Assim, como te descrevi os vilões de meus pesadelos, descrevo-te nesta missiva os heróis de tal drama moderno, drama do qual fui e ainda sou um reticente protagonista.

Ao redor de uma mesa no qual repousa um cadáver, cuja carne cinzenta está sendo analisada & dissecada, há um grupo de cinco personagens. Além do anatomista, que descreverei por último, todos estão ao redor da mesa de trabalho, atentos igualmente à lição e aos gestos do doutor em medicina que os instrui.

Atrás dos outros, um homem alto e forte. Se há algo que ele aprecia, é aventura, velocidade, ímpeto. Seu signo, Sagitário. Ele tem 40 anos e rosto de 32, apesar das cicatrizes que lhe maculam a face direita. Um homem do mundo, um viajante das estradas, que carrega a sua vida numa valise de viagem. Caucasiano, pele queimada

de sol, cabelos escuros, curtos e crespos, traços um pouco grosseiros, nariz arredondado, como uma estátua em pedra. No dia a dia, veste surradas roupas de couro. Como o aventureiro que é, não usa gravata. Imagine um gigante delicado e festeiro, cuja coragem é inegável e a fidelidade uma rocha. Se ele for teu amigo, tudo estará bem. Se não, saia correndo e reze para ele não te alcançar. Completa sua descrição um chapéu Panamá que usa em aventuras africanas ou amazônicas. No chapéu, monóculos de visão noturna que já lhe salvaram de muitos perigos. Na mão, uma potente luneta mágica que revela não apenas as estrelas distantes como também as sutis intenções humanas.

Abaixo dele, seu amigo e amante, seu companheiro de viagens, sua alma gêmea, sua contraparte na noite escura. O olhar do primeiro retratado fita-o, como se não houvesse no mundo nada mais belo, nada mais precioso, nada mais atraente ao seu corpo e desejo. Seu amado é loiro e tem traços delicados. Não tem barba. Ele é mais jovem que seu amigo, é magro, tem vinte e oito anos, cabelos lisos e franja caindo nos olhos. Ele usa camisa aberta, sem gravata. É um estudioso dos mistérios arcanos, dos tomos sagrados, das sutilezas mágicas da alma. Perspicaz, ele olha para o anatomista, sabendo que este revela menos do que deveria ou poderia. Como um pesquisador de símbolos, ele conhece o poder dos mistérios e o quanto eles enredam em suas ambiguidades.

Abaixo deles, outro casal, também atento às palavras do médico. A dama é indígena, com cabelos lisos e negros. Seus olhos, castanhos e serpentinos. Seus lábios, insinuantes. Ela veste um corpete, sobre um vestido rodado de um tecido negro e pesado. É magra, com uma pequena cintura desenhada pela roupa de couro e pelo corpete que a envolve. Ela produz sobre os homens que a fitam o mesmo que uma atraente Medusa. Ela gosta de caminhar sozinha pelas ruas da cidade, escutando a voz de demônios, almas penadas e criaturas de vento e água. Ela nunca conversou com anjos. Não tem o menor interesse neles. Ela está sempre na contramão dos costumes, dos tempos, da sorte. Na mão esquerda, uma tatuagem indígena que é a fonte de seu poder. Ela tem na carne e no espírito as marcas tribais das velhas tradições. Ela é o esquecemos, de quem éramos ou da terra na qual vivíamos. Ela é a noite transmutada em

mulher.

O jovem homem ao lado dela é também ambíguo, mas de uma forma dissonante. Ele tem dezoito anos, pela pálida e doentia, cabelos lisos e escuros, com a franja lhe caindo nos olhos e o restante preso com uma fita, como era comum dois séculos atrás. Hoje, não passa de uma extravagância de charme e sedução. Dizem que depois de fazer um pacto com o demônio ou com a morte, ele parou de envelhecer. Outros, dizem que ele foge de ambos até os nossos dias. O jovem demônio frequenta tavernas e adora assustar os visitantes noturnos com sórdidas histórias de sexo e morte. Ele é muito magro e veste roupas antiquadas, puídas, envelhecidas. Poeta maldito, dizem que teria morrido de tuberculose e que tinha uma paixão não correspondida pela irmã. Dependendo da luz, ele tem olhos vermelhos. Dependendo da hora, possui um rosto de anjo caído. Seu olhar fita algo fora do quadro. Talvez a vida que ele deixou para trás ou a morte que ele nunca presenciou.

A penúltima figura é negra e está na frente das outras. Tem altura mediana, cabelos fartos e crespos, presos atrás do rosto bem construído, que comporta olhos imensos, intensos, noturnos. Trata-se de uma mulher de postura altiva, que veste um terno masculino. É uma das mulheres mais lindas que tu já viste, embora sua imagem andrógina gere comentários moralistas abjetos no que concernem à sua etnia e ao seu gênero. Quando chegou em Porto Alegre, desejava se tornar escritora. Todavia, apenas um tipo de casa a aceitaria por empregada. Ela então passou a se vestir de homem e por anos assumiu uma persona masculina. A cor seria “perdoável”, o gênero nunca. Tal assombro feminino carrega segredos terríveis. No seu olhar, medo e coragem, em igual proporção, o que é um paradoxo.

Diferente dos outros retratados, Basílio, Beatriz deve ser mostrada olhando para o observador, fitando-o, obrigando-o a encarar seu retrato refletido em seus olhos. Não precisamos mais fingir um ao outro, não?

Por fim, quanto ao homem que coordena esse grupo, o anatomista que com uma mão segura uma pinça metálica e com a outra gesticula sobre os segredos de sangue que carregamos nesta máquina de carne, trata-se deste que te escreve. E aqui, meu caro, como conheces bem o modelo, deixo as decisões de composição

contigo. Do que conhecestes de mim e do que sabes de tudo o que fiz, das minhas ações humanitárias até os crimes estampados nas manchetes dos folhetins da nação, componha minha postura, meus gestos e acima de tudo, meu olhar, como acares mais apropriado. Deixo contigo o julgamento daquilo que sou e do que deves mostrar em caracteres externos.

Eis mais uma diferenciação, não? A poesia mostra a verdade perscrutando nossas reflexões subjetivas, nossas metáforas imaginárias, nossas sutilezas intelectivas. Por outro lado, a pintura mostra a verdade exemplificando todos esses elementos em caracteres externos que tornam visível aquilo que, doutro modo, seria imperceptível aos olhos.

Poderias atender mais este pedido, se a ofensa não for em demasia execrável?

Prometo-te não mais importunar tua paz com qualquer outra solicitação. E isso por duas razões. Primeiro, porque a julgar pelo que dizem de mim, dificilmente sobreviverei mais que um ou dois meses caso seja encarcerado.

Segundo, e mais importante, porque costumo manter minhas promessas.

Para mim, seria de conforto saber que o que vivi com esses amigos, minha única família neste mundo, fora registrado, senão em texto, em imagem.

Por fim, por tudo o que te fiz e por todo o sofrimento que te causei, suplico-te que me perdoes.

És um dos homens mais admiráveis que conheci em minha vida, Basílio.

Levo a lembrança de ti e da tua obra em espaços mentais bem iluminados e agradáveis, os quais revisito nesses dias de aflição.

Seu fiel amigo,

Antoine Louison

Continuação do Noitário do pintor Basílio de Andrade Neto

Porto Alegre dos Amantes, 27 de junho de 1911.

Tive ganas de amassar o papel e queimá-lo. Quem este biltre e odiento homem julgava ser para fazer-me pedidos e solicitações? Quem ele pensava que eu era? Seu vil serviçal?

Deixei meus dedos amassarem a folha de grossa gramatura e joguei longe as duas laudas. Deveria eu queimá-las? Desejando fazer com o papel o que certamente a gentalha de Porto Alegre faria caso colocasse as mãos nele?

Por outro lado, percebi que nutria certa estima por aquele papel, aquela letra requintada, e também seu conteúdo, que além de apresentar-me um formal pedido de desculpas, sugeria afeto e delicadeza. E isso num coração do qual esperava apenas frieza e fealdade.

Quem diabos era aquele homem? Estaria ele se transvestindo em panos luzidios para mais uma vez me enganar?

Entretanto, o que mais ele teria a ganhar? Preso como estava, não poderia mais me prejudicar. Segundo a opinião de todos, no seu caso, a execução pública por asfixia mecânica era mais do que certa. Reticente, recolhi os papéis e os desamassei.

Ao reler o texto, atentei às palavras que não apenas relembram-me da nobreza que vi um dia em seus olhos outrora. Ele falava de amigos. Seriam esses outros demônios como ele? Afinal, no inferno, o que os diabos podem fazer senão abraçarem-se na imundície da carne chamuscada e apodrecida?

O que deveria fazer? O que não poderia fazer?

Num ímpeto, tomei uma decisão. Dirigi-me à bancada de tintas e comecei a separar ressequidas paletas e desgastados pincéis.

Atrás dos pequenos potes enfileirados, um pequenino espelho devolveu minha imagem imersa em escuridão.

Recusei o reflexo, pouco de mim reconhecendo nela.

Sobre o cavalete, uma nova tela em branco aguardava-me.

Eu deveria contar uma nova história, em traços e cores, sinuosidades e sombras, feixes de luz e paixão, através de olhos e lábios, membros e gestos, através de figuras congeladas no tempo, registradas para a eternidade.

Diante da tela em branco, vi outro espelho. Mais nítido e verdadeiro.

Aquele era eu: um vácuo no qual pouco se vê. Deveria agora revelar quem eu seria, no modo como observava o mundo e esses “amigos” demoníacos, associados de um monstro que um dia amei. Ignorando fome, sede ou qualquer outra necessidade, comecei a pintar.



Noitário do pintor Basílio de Andrade Neto

Porto Alegre dos Amantes, 26 de agosto de 1911

O funesto dia chegou.

Amanhã, Louison será executado pelos crimes que lhe são imputados.

Pretendo estar presente na Praça da Matriz, onde a efetivação de sua pena será assistida por dezenas de pessoas. Talvez mais.

O método é medieval. Enquanto for asfixiado, a turba fará jus à barbárie, nominando o condenado de alcunhas absurdas, quando não ridículas.

Dois meses se passaram desde que recebi sua segunda encomenda. Progrei no trabalho, lendo e relendo a carta de Louison, tentando encontrar nos rostos daqueles seres que pouco conheço alguma verdade ou algum afeto.

A composição da obra lembra uma aula de medicina tradicional. As figuras reunidas ao redor da mortalidade do corpo dissecado. Havia alguma coisa faltando, todavia. Talvez um ou dois elementos de concisão e conexão entre os valores olhares, corpos e gestos.

Quanto ao instrutor, sua face revela o que sinto dele neste momento: há uma ambiguidade nos seus gestos, uma quase doçura em seu olhar vacilante, uma sobriedade no modo como seus dedos ilustram sua metodologia. Será que um dia teremos acesso a essa lição?

Ou ela morrerá em seus lábios, que amanhã deixarão escapar seu último fôlego?

Bebi o vinho amargo e olhei para a tela, buscando uma compreensão que não tinha da vida ou do mundo. E não seria a própria

arte, indiferente de ser poesia, pintura ou música, a nossa humilde tentativa em organizar o caos, em dar sentido ao não sentido daquilo que presenciamos ao nosso redor?

“Não há céus esperando-nos, nem infernos,” disse-me Louison certa vez, resumindo toda a sua filosofia. “Há apenas o brilho nos olhos do tigre abaixo do firmamento.”

Seus olhos brilhando no escuro, iluminados pelas achas de madeira queimando na lareira de sua casa. A lembrança ainda me surpreende por sua vivacidade.

Amanhã, quando ajustarem o cinto de couro ao redor do seu pescoço e quando a mão do autômato girar o mecanismo assassino, serão esses seus últimos pensamentos? E serei eu capaz de olhar no escuro dos seus olhos e fitá-los com sóbria dignidade quando eles começarem a chorar sangue?

De súbito, levantei-me, derrubando a taça de vinho e manchando o tapete de líquido escarlata. Minhas memórias foram interrompidas pela sensação de que eu não estava sozinho.

Havia alguém nas sombras, uma respiração, uma presença. Um perfume selvagem que chegara às minhas narinas semi entorpecidas.

“Quem está aí?!” clamei, ajustando o corpo à inquietação daquela presença.

“Sou eu, Basílio, Beatriz de Almeida & Souza”, respondeu a voz forte e grave, antes de deixar o escuro espaço e revelar-me sua face e seus trajés.

Era negra e sua pele registrava a beleza da noite, com olhos cujas meninas brilhavam como estrelas morrendo. Os lábios carnudos me enchendo de desejo, como há tempos não sentia, e seu perfume amadeirado me possuindo, o perfume de uma criatura que não resumia sua existência a qualquer gênero ou predileção.

Ela, como poucos, sabia quem era. Seu porte e sua voz transcendiam quaisquer nomenclaturas, recusando quaisquer definições ou conceituações.

Meu coração continuou acelerado, mas não mais de medo: agora um revivido encanto o fazia pulsar.

A criatura caminhou em minha direção. Não havia maquiagem em seu rosto. Seus vastos e fartos cabelos presos atrás de sua

cabeça. Vestia um cinzento terno masculino, feito para as medidas perfeitas do seu corpo. Seu passo era firme, forte e poderoso, como raramente vi em qualquer criatura, exceto nas panteras noturnas presas em jaulas humanas.

Mas em seu caso, nenhuma prisão era capaz de contê-la.

Ela pediu perdão por sua intrusão.

Desviou de mim e foi em direção à tela disposta no alto cavalete do estúdio às escuras. Ao lado, restos de velas iluminavam a porção esquerda da composição.

À frente dos retratados, estava a sua própria imagem.

Fitando-me, fitando-nos, fitando-se.

“Eu sinto muito”, digo a ela. Não precisava detalhar o porquê.

Ambos sabíamos a vastidão terrível dos nossos sentimentos.

A saudade daquele que um dia amamos. Os assassinatos sem explicação. A prisão e a condenação de Louison. Sua execução na manhã seguinte.

“Não sinta,” disse ela, para a minha surpresa. “O que foi já não é. O que é, em breve não mais será. O que virá, ainda não chegou. Só importa estarmos prontos, pra tudo. Era isso que Antoine nos diria.”

Sorri da citação, perfeita para os seus lábios, e do seu diapasão calmo e articulado. E não se tratava apenas da escritora nela, da capacidade de transformar palavras e frases em histórias. Tratava-se da mulher que havia ajustado e disciplinado seu corpo para ser a mais bela criatura que já vira: em gestos, em poses, em falas. Continuou, não esperando de mim qualquer resposta.

“Eis algo que aprendi com Louison, cuja meta na vida foi a de produzir beleza, não apenas no mundo, mas em si próprio. Na sua postura, no seu modo de existir no corpo e através dele. Quanto ao que aconteceu,” disse-me, desviando agora seus olhos do quadro e voltando-os para mim, “Louison sabia dos riscos e fez o que fez por amor a mim e para vingar-se dos que um dia me fizeram mal. Não, Basílio, não lamento por ele, indiferente do que aconteça nas próximas horas. Somos a construção e a realização do nosso destino.”

Custei a ler o que estava escrito nos olhos de Beatriz, mas

não entendia aquela aparente frieza. Sabia o que aqueles dois seres humanos significavam um para o outro. Como ela não poderia estar sofrendo pela execução de Louison?

“Eu chorarei por ele, se tiver de chorar. Mas por enquanto, há preparativos a serem feitos. Este ainda não é o tempo das lágrimas. Vim visitar-te, Basílio, porque estava curiosa para ver como respondeste ao pedido de Louison.”

“Queres ver a outra pintura?”, perguntei, dirigindo-me à tela embrulhada.

“Não”, disse abruptamente, como se a proposta fosse-lhe insuportável.

Pouco a pouco, comecei a usar a imaginação para montar uma narrativa. Louison matou aquelas pessoas, os integrantes da sua “Camarilha da Dor”. Beatriz nutria por eles um misto de desprezo e pavor, obviamente. Ela acabara de dizer que fora um ato de vingança. Os detalhes faltavam, mas o enredo ficava mais e mais claro.

“E o que achaste desta?”, perguntei, desviando o assunto da outra pintura.

“É soberba, como poucas coisas que criaste. Quando comecei a me relacionar com Louison, ele contava-me de seu amigo pintor que agora morava na França e com quem perdera o contato. Ele levou-me para ver suas pinturas. Antes de te conhecer, já te via em tua arte e nas histórias que Louison contava.”

Ela voltou a olhar o quadro, dando-me as costas. Em suas palavras, lamentei a tristeza de ter-me afastado de Louison. A voz de Beatriz ecoava nos cantos do estúdio, tão pouco acostumado a qualquer som ou ruído.

“Os retratados ficarão satisfeitos, incluindo Antoine, se um dia chegar a pousar os olhos nela,” avaliou ela. “Quanto a mim, acho que poucas telas até hoje captaram um olhar tão próximo de sua modelo. Foi assim que me viste na noite em que nos conhecemos?”

Pude imaginar seus olhos nos olhos que eu pintei. Dois glóbulos negros igualmente doces e determinados, a despeito do mundo e dos seus dissabores.

Eu me aproximei dela, quase tocando suas costas. Desisti do gesto, por ser desnecessário. Ali estava uma mulher que não precisava de apoio algum.

“Todavia, há uma correção necessária à versão final,” disse ela depois de alguns instantes de reflexão. “Não uma correção, mas dois importantes acréscimos. Como em assuntos de outra seara, nada que Louison executa carece de significado. Neste caso, trata-se da sua própria lição de anatomia e nesta tela estão os personagens que comporão o ato final da sua tragédia. Em razão disso, Basílio, é preciso que acrescentes dois importantes personagens que, pelo visto, terão papel fundamental nos eventos das próximas horas e, talvez, no modo como essa história será lembrada e registrada pelas décadas à frente. Aceitarias esses dois acréscimos? Serias capaz de confiar em mim, como confiaste nele?”

Eu nunca alterara minha arte a partir de um gosto posterior. Porém, por alguma misteriosa razão, ela havia previsto minha própria insatisfação anterior. Talvez, as inclusões sugeridas poderiam completar-lhe o sentido. Peguei meu caderno de esboços, capa rústica de couro recobrendo folhas cuja gramatura permitia não apenas o traço à lápis como também estudos em aquarela, prévias às minhas experimentações em óleo, e lhe disse:

“Descreva-os para mim, Beatriz”.

“O primeiro deles, é um investigador, um policial que fuma cigarros e charutos e detesta rapé. Bebe cachaça, nunca vinho. Veste roupas surradas e seu rosto tem barba irregular e dura. Coroam sua cabeça cabelos escuros, leoninos e crespos, desalinhados. Sua gravata é antiquada e mal posicionada. Suas camisas puídas revelam uma vida solitária e mal cuidada. Ele é alto, ombros largos, braços robustos. No seu cinturão, uma pistola eletrostática. Ele cheira à capim e fumo. Quando jovem, foi bonito, eu suponho. Como é um investigador, ele está olhando e estudando a cena. Talvez, seus olhos encontrem os de Louison.”

“Eu sei de quem se trata,” lhe devolvi. “É o investigador responsável pela prisão de Louison, não?”

Ela continuou sua fala, agora descrevendo o segundo personagem.

“Trata-se de um jornalista, de um mulato que veste um terno claro e elegante, além de gravata fina. No olho esquerdo, um monóculo com variadas lentes que o auxiliam na pesquisa e na organização das suas anotações. Usa cavanhaque e tem em torno de trinta

anos. No seu olhar, curiosidade, em suas mãos, seu noitário de escritos. Assim como eu, ele deve fitar o observador.”

Eu também sabia de quem ela estava falando. De um jornalista carioca que viera a Porto Alegre dos Amantes para investigar os crimes de Louison. Ele havia desaparecido há mais de um mês, adicionando outro mistério à coletânea de perguntas não respondidas que aqueles eventos haviam produzido.

Fechei meu livro de esboços e lhe comuniquei que seu pedido seria atendido.

“Muito obrigado, Basílio... por tudo.”

Ela despediu-se de mim sem aproximar-se e dirigiu-se à porta. Agora, sua força havia fraquejado e ela parecia reticente, quase assustada, como fera acuada diante de iminente ameaça.

“Não queres uma taça de vinho ou então mais um pouco de conversa?”

Ela voltou-se pra mim, presenteando-me com um sorriso, que contrastava com os olhos embaçados.

“O tempo das conversas findou, Basílio. Agora, é o tempo de preparar as malas, de despachar as cartas, de trancar as portas do sobrado antigo. Mas agradeço-te pela oferta.”

Ela abandonou a casa, deixando sua presença em cada canto do recinto.

Energizado por aquele encontro, voltei ao trabalho.



Noitário de Trabalho do Pintor Basílio de Andrade Neto

Porto Alegre dos Amantes, 25 de agosto de 1911.

Depois de passar a noite trabalhando na adição das figuras solicitadas por Beatriz, havia chegado o momento de meu último encontro com Louison.

Lavei meu corpo, depois de aparar a barba caótica. Arrumei o cabelo comprido, prendendo-o com uma fita de cetim avermelhado. Vesti meu melhor casaco, presente de um amante de outrora, e deixei a casa, não apenas para reencontrar o amigo demoníaco, como para testemunhar sua execração pública.

Ao chegar à Praça da Matriz, enojou-me o povaréu em polvorosa.

Grupos amontoavam-se, trazendo consigo não apenas frutas podres como também recortes e velhas fotografias nas quais Louison aparecia. Ele tornar-se um fenômeno que estranhamente provocava a repulsa e a fascinação de todos. Pais arrastaram seus filhos e filhas para ver o espetáculo execrável, certos do bem pedagógico que estavam prestes a testemunhar. Diante do patíbulo amadeirado montado no centro do pátio de execução, tropas mecanizadas protegiam aquele circo maligno.

Perguntava-me quem eles protegiam de quem? O povo porto-alegrense do assassino ou este da turba vulgar e odienta?

Tive a impressão de que havia retornado a um tempo de trevas no qual bruxos e bruxas eram queimados para a salvação ou diversão pública.

Diante de mim, os metalizados soldados faziam par com os poucos militares humanos, tão robóticos quanto suas contrapartes. Cortei caminho pela multidão, ignorando os cheiros fedidos, as

faces curiosas e excitadas, os gestos de aplauso e festejo. Acima de tudo, fiz-me surdo às palavras tacanhas do populacho.

“Dizem que quando o criminoso é trazido, ele se caga todo!”, disse uma senhora rica à outra.

“Eu quero é ver os olhos esbugalhados sangrando. Meu pai disse que é bem legal”, sussurrou um guri à sua irmãzinha menor. Atrás dos dois, os pais aprovaram com um sorriso o diálogo infantil.

“Deus tenha piedade da alma dele,” disse uma freira do crucificado, segurando uma bíblia na mão direita e um tomate podre na esquerda.

“Será que o cinturão vai arrancar a cabeça?” perguntou um estudante ao colega. Ao redor do pescoço do condenado, uma faixa de couro era posicionada, sendo ajustada por um mecanismo que apertava o laço gradativamente. Se um enforcamento tradicional durava segundos, a asfixia mecânica poderia durar mais de trinta minutos e, às vezes, mais de uma hora.

Eu tentei silenciar em minha mente as vozes ao redor, tentando concentrar-me nas lembranças que tinha de Louison.

Ele ao meu lado observando o jovem escritor Dante D’Augustine.

Seu braço cobrindo-me delicadamente quando lhe mostrei um dos primeiros retratos que pintara do seu rosto sóbrio e benevolente.

Sua angústia ao não devolver-me o beijo que havia lhe dado, revelando-lhe o quanto o amava.

O olhar de tristeza ao lhe dizer que estava indo para a Europa e que não pretendia voltar.

Seu sorriso demoníaco ao passear por suas obras de anatomia.

Quantas faces um homem poderia encerrar em seu repertório pessoal? E que máscara vestiria ele naquele dia, quando o cinto começasse a sufocá-lo?

Posicionei-me diante do mecanismo assassino, na certeza de que ali, a poucos metros, ele poderia ver-me. Tirei meu chapéu e comecei a perceber o quanto o espetáculo que se seguia não seria nada fácil de observar, sendo eu empurrado de um lado pro outro pela multidão que se acotovelava ao meu redor.

Pelo cronograma anunciado com irrisória satisfação pelos jornais da capital, a execução começaria às dez da manhã. Quando bateu nove horas, as autoridades já estavam presentes, como se fosse a entrega de um laureado prêmio.

A praça estava lotada e ao redor dela, nos prédios baixos que circundavam a Matriz, dos balcões avistavam-se grupos de pessoas que pretendiam testemunhar de camarote a execução do “Estripador”. De todas, esta era a alcunha mais usada naqueles dias.

Dava-me ânsias de vômito a proximidade da gentalha ao meu redor.

Quando os relógios bateram dez, os burburinhos começaram a correr e a turba a não esconder a insatisfação.

Uma hora depois, os tomates e frutas começaram a ser jogados, porém em direção às carcaças acobreadas dos robóticos e aos corpos dos soldados, políticos e celebridades de pasquim que ali se encontravam.

O prefeito levou uma frutada na testa alta, uma vez que as boas famílias de Porto Alegre dos Amantes não estavam dispostas a desperdiçar os preparativos da noite anterior.

Os importantes dignitários, que ali vieram também fazer campanha para as próximas eleições municipais, foram retirados da praça, antes que a multidão atentasse contra eles.

No meio desta retirada, margeada de gritos de revolta e repúdio, berrou a voz altissonante e pungente de um moleque: “Louison fugiu! Louison fugiu!”

E diante de tal alarido, o que era raiva e diversão para o povaréu, tornou-se histeria coletiva.

“Louison fugiu! Ele está à solta! O maníaco está à solta”.

E este segundo brado foi seguido de outro e de outro, até o caos instaurar-se completamente no que fora há minutos um organizado pátio de execução.

Mães seguravam filhos que choravam. Homens batiam em retirada e famílias inteiras esbarravam umas nas outras, enquanto os robóticos permaneciam estáticos, sem entender o porquê da loucura generalizada. Um deles sofreu curto quando o sumo dos tomates nele jogados escorreram por suas engrenagens.

A praça virada num cômico pandemônio.

Eu fiquei parado, no meio da correria, estático, não sabendo o que pensar daquela notícia. Mais uma vez, Louison surpreendia-me.

Por fim, respeitei meu resto de dignidade e deixei a praça, desviando das frutas podres e dos mecânicos que tentavam conter a insânia.

Segui em direção à minha casa, observando a reação pública àquela notícia.

Nas ruas, portas eram trancadas, janelas seladas. Carruagens e sirenes policiais zuniam, enquanto zepelins militares sobrevoavam avenidas e alamedas à procura do assassino. Eu ria de tudo aquilo, pois sabia que Louison sendo inteligente como era, nunca mais seria encontrado. Neste momento, pensei, ele estaria a milhares de quilômetros da cidade.

Ao adentrar no estúdio, soube o que eu tinha de fazer.

Tirei o casaco, arremanguiei a camisa e pus-me a trabalhar na finalização da tela, ignorando os antitéticos sentimentos de desconforto e calma que me assomavam.



Noitário do pintor Basílio de Andrade Neto

Porto Alegre dos Amantes, madrugada de 26 de agosto de 1911

Acordei no meio da noite num sobressalto e o vi de imediato.

Estava sentado diante das duas telas que havia encomendado. Desfizera o embrulho da primeira tela e a dispôs diante de si, ao lado da segunda, produzindo uma singular narrativa.

Entre os dois grupos retratados, sua sombria silhueta.

Enquanto os monstros da Camarilha da Dor negociavam moedas de vilania e perfídia, o doutor explicava aos espectadores sua Lição de Anatomia.

Seu corpo sempre fora esguio, mas ele emagrecera muito nos últimos anos... ou teria sido nas últimas semanas? Seu perfil era visível devido aos dois castiçais sobrepostos aos pés dos cavaletes, fontes de luz que iluminavam de baixo para cima as faces retratadas nas duas pinturas, num efeito de rara luminosidade que intensificava o arranjo das cores.

Estaria ele ali para me assassinar? Claro que não, respondi a mim mesmo, enquanto forçava os olhos a despertar e arrastava meu corpo do leito improvisado.

Não, ele não me faria mal algum.

Estava ali apenas para ver sua encomenda finalizada, para visitar sua estória, agora registrada em imagem através da leitura que eu fizera de sua econômica descrição.

“Gostaste?”, perguntei-lhe.

“Sim, meu caro”, respondeu-me, com voz ressequida e sordida. Depois de limpar sua garganta, continuou no melódico diapa-

são que lhe era característico. “Estas telas registrarão para a posteridade mistérios que talvez nunca ganhem luz.”

“Talvez ganhem alguma narrativa futura, Antoine. Eu nunca poderei expor esses quadros, e tu sabes disso. Mas eles poderão inspirar um outro narrador. Talvez tu mesmo, nas páginas de um noitário.”

“Sim, talvez. Ou talvez outro o faça por mim. Fiz planos, Basílio. Se eles correrem bem, eu vivendo ou morrendo, o jovem jornalista que adicionaste à segunda encomenda fará isso.”

“Eu o fiz a pedido de Beatriz. Ela solicitou que ele e o investigador responsável por tua prisão figurassem na segunda tela.”

“Sim, eu imaginei. E fizeste bem em escutá-la. A inclusão das duas figuras não poderia arrematar de forma mais perfeita a história do que aconteceu,” disse, com uma expressão melancólica que eu desconhecia nele.

“E o que acontecerá?”

“Estou entre o quarto e o quinto ato, Basílio. Sou Hamlet no cemitério, esperando o corpo de Ofélia, ou sou Julieta, assustada ao despertar num cemitério de ossadas e corpos apodrecidos. O drama está chegando ao fim e sua resolução estará nas mãos de Cândido, como ordena minha enviesada noção de justiça.”

Ao fazer isso, Louison pôs-se em pé e finalmente pude observar seu corpo, recoberto por um surrado sobretudo de lã. O ombro direito, talvez machucado, mais baixo que o esquerdo. Seu corpo inteiro era a imagem da exaustão. Porém, não era nada se comparado com o atroz espetáculo de sua face.

As cicatrizes corriam por ela como sulcos de uma terra devassada. Sangue seco nos cantos dos belos olhos e dos lábios que um dia amei. Olheiras arroxeadas quedavam dos glóbulos cansados, obscurecidos. Na cabeça e no rosto, os cabelos desarrumados e a barba caótica, resquícios tristes de sua vaidade de outrora. Mechas grisalhas entremeadas à negridão e à sujeira.

“O que te aconteceu no asilo, Antoine?”, perguntei-lhe. “Eu fui ao inferno e voltei, meu amigo”, respondeu-me, quase sorrindo.

Ele formava o pálido esboço de uma figura que um dia fora finalizada com asseio.

Dei um passo em sua direção, como se ofertasse ajuda.

“Teus machucados..”

“Não significam nada”, disse-me, ordenando com um gesto que eu ficasse onde estava. “As feridas do corpo estarão curadas em poucos dias. Quanto às do espírito, Basílio, não posso dizer o mesmo. Mas não estou aqui para falar da minha imagem corpórea e sim do que realizaste.”

Ao dizer isso, deu-me as costas e voltou a fitar as pinturas. Eu estaquei ao seu lado, fitando seu perfil.

“E o que foi que eu realizei?”

“Há demasiada luz na primeira tela. Falsa moralidade. Sinais de posições políticas, militares, comerciais e religiosas. Há armas escondidas em vis utensílios. Todos me olham e eu os fito como eles são: monstruosidades disfarçadas em falsas elegâncias. Eu miro seus olhos e eu sei o que deve acontecer a eles. Por seus crimes passados e por seus crimes futuros. Eu sinto seus corações pulsando na palma da minha mão. Eles não mais assombram os meus pesadelos agora.”

Louison silenciou e direcionou seu olhar para a segunda tela. Recuperou seu fôlego e depois de analisar a pintura, continuou.

“Há sombras na segunda. Zonas cinzentas nas quais a diferença moral entre o bem e o mal não importam. São homens e mulheres que utilizam as sombras e que vivem imersos nelas. Seus corações, porém, são íntegros. Suas motivações, admiráveis. Seus crimes, perdoáveis, uma vez que resultam de paixão e desejo. O corpo sobre a mesa revela que somos redes fibrosas de músculos e ossos. Porém, somos mais que isso, uma vez que fagulhas de esperança e determinação ardem dentro de nós, fazendo da frieza do corpo um turbilhão infernal de beleza. Somos tão perfeitos em nossa imperfeição que o céu se envergonha e se esconde. Agora, Basílio, são eles que levo dentro de mim, como fomento aos sonhos que porventura ainda terei.”

Seu corpo aproximou-se do meu. Depois de respirar fundo, falou:

“Muito obrigado, meu caro amigo”, disse enquanto tocava com os dedos machucados a superfície do meu rosto. “Vou levar essas duas pinturas dentro de mim, registradas no saguão amplo do meu castelo de memórias.”

Seus lábios beijaram os meus, presenteando-os como um dia

eu presenteara os dele. Não se tratava, entretanto, de um beijo de desejo, e sim de cumplicidade.

Meus lábios abriram-se aos dele.

Mas ele não estava mais ali.

Deu-me as costas e começou a caminhar em direção ao pátio externo. Informei-lhe que as tropas estavam à sua procura.

Disse-me que seus amigos o estavam auxiliando e que ele tinha um esconderijo mais do que adequado.

“Louison... Antoine... o que devo fazer com essas pinturas?”, perguntei, interrompendo sua caminhada em direção à porta.

Ele interrompeu seu passo e retirou do casaco um cartão, que deixou sobre a mesa de trabalho, ao lado de abandonados potes de tinta, entre pincéis enegrecidos e retalhos imundos, manchados de variadas cores.

“Entregue-as neste lugar. Um velho cientista estará à sua espera. Penso que não terá dificuldade em lá chegar, visto que visitaste a mansão em outros tempos.”

E como um espectro de histórias folhetinescas, desapareceu.

Eu sabia que nunca mais o veria e eu sofria por isso. Sofria por ele e por seu estado deplorável. O que havia lhe ocorrido naquele manicômio infernal?

Para mim, contudo, ficaria gravada a lembrança do doutor esguio, elegante e perspicaz que eu havia pintado. Diante de um grupo de misteriosos paladinos, o doutor detalhava músculos, diferenciava artérias, revelava ossos.

E deles tirava o sumo de sua lição.

EPÍLOGO

Porto Alegre dos Amantes, 20 de setembro de 1911.

Fitei mais uma vez a madeira entalhada do pórtico duplo que dava acesso à mansão no meio do pântano. Nela, dois pares de olhos leoninos encaravam-me, enchendo meu coração de medo e angústia. Depois de mais uma vez acionar o dispositivo metálico que fez companhia ao barulho dos sapos, grilos e outras criaturas que povoavam a terra úmida daquela, escutei o som de passos pesados e altissonantes, que denunciavam a aproximação de um ser gigantesco.

Eu recuei alguns centímetros, temendo encontrar um Polifemo moderno.

Os passos cessaram e travas foram liberadas, de cima a baixo, num sonoro estalar de trinques e trancas que me fizeram imaginar uma sofisticada engrenagem mecanizada do outro lado da porta antiga.

Todavia, para a minha surpresa, quando uma das pesadas folhas se abriu pousei meu olhar não sobre um gigante canibal e sim sobre um velhinho magricela e cegueta, que via o mundo e a mim por detrás de estranhos binóculos.

Em suas diferentes lentes, me vi refletido magro e alto e baixo e gordo. No corpo, cuja saúde desaparecera há muitas estações, roupas surradas de trabalhador de fábrica, exceto pelo cinto que lhe cobria a magra cintura e que comportava chaves de fenda, alicates, relógios e outros utensílios que não consegui identificar.

“Seja bem-vindo à Mansão dos Encantos, Sr. Basílio. Estas são as pinturas encomendadas por Louison?”

Eu saí do meu torpor momentâneo e assenti.

“Por favor, entre. A propósito, pode me chamar de Doutor Benignus.”

Adentrei o pórtico do casarão. Tudo estava às escuras, e do pouco que pude ver do átrio de entrada, identifiquei finos estofados franceses, ao redor de um tapete antiquíssimo, persa ou egípcio. Quanto às paredes mal iluminadas, estavam abarrotadas de quadros e molduras. Algumas sem tela alguma. Tudo parecia bem velho e decadente, mas ao mesmo tempo, aconchegante.

De uma das paredes que tinha certeza que dava para o pátio externo, surgia um infindo corredor. Outros corredores faziam companhia a este, tornando a arquitetura daquela casa por demais peculiar.

“Não era assim que eu lembrava desta casa”, disse eu, ainda olhando pros estofados e aparadores, tentando entender a disposição dos outros cômodos.

“Ela mudou muito nas últimas décadas,” disse ele. “Quartos foram adicionados à sua arquitetura, ao passo que outros lhe foram subtraídos. O porão, imagine, agora tem o tamanho de um castelo medieval. O mesmo não posso dizer do sótão, o que é uma pena. Mas sabe como é... o vórtice cósmico continua reajustando o tempo e o espaço ao seu bel prazer.”

Julguei estar visitando um asilo de alienados.

“Desculpe-me não convidá-lo para um chá ou para um conhaque, mas estou no meio de um trabalho. Posso ver as pinturas?”, disse-me ele, agora retirando os binóculos estranhíssimos. Na lateral do mecanismo vi botões e outros dispositivos, além de lentes móveis, suspensas por finas estruturas acobreadas.

Eu dispus as telas num dos aparadores de madeira. Acima dele, um espelho que não refletia a minha pessoa ou a dele ou a dos quadros. Mais um mistério.

“Hummm... que bom que Louison respeitou meu pedido. Detesto ser retratado. Sabe? Isso é coisa de gente jovem e bonita, não de velhacos gagás como eu”, avaliou, com os braços cruzados sobre o torso encurvado. “Todos eles partiram pelo mundo e me deixaram aqui, o senil Matusalém cuidando da antiga mansão. Não que eu reclame, mas às vezes sinto falta das correrias dos mais jo-

vens. Eles me lembram de mim quando saía pelo mundo.”

Benignus pareceu-me triste e solitário. Julguei que os jovens aos quais ele se referia eram os personagens da segunda pintura.

Retirei meu relógio do bolso, indicando que deveria ir embora. Aquele lugar me dava medo, além de lembrar-me de outros tempos, além de lembrar-me dela. O geriátrico cientista ignorou-me, continuando a observar as duas pinturas.

“És bem talentoso, Basílio, meus parabéns. Quanto ao pagamento...”

“Senhor, não carece. Tenho dívidas antigas com Louison e aceitei esta encomenda em razão disso,” menti, tentando encerrar o assunto.

“Mesmo? Que pena. Antoine deixou-me isso e disse-me expressamente que deveria ser entregue ao senhor como pagamento pelas duas telas.”

Ele retirou de um dos armários um objeto embrulhado que me lembrava, pelo formato, outro quatro. Curioso, perguntei-me do que se tratava. Seria outro retrato? De qual procedência? Que pagamento seria esse?

“Ele disse-me que você o agradecerá,” informou, estudando minha reação.

Eu deixei a velha casa no meio do pântano, jurando nunca mais retornar àquele cemitério habitado.

Quase feliz, retornei à proteção da terra sólida, deixando o passado para trás como deixara as duas pinturas naquela... como mesmo era o nome que dera àquela casa? Ah sim... Mansão dos Encantos. Ri do título, visto que aquele lugar me lembrava muito mais um Mausoléu de Tristezas.

Os Magalhães que o dissessem. Como o casarão fora parar na mão de Louison e daqueles adventícios personagens? Não me importava. Talvez um dia alguém venha a responder essa e outras perguntas.

Porto Alegre estava ainda em polvorosa pela fuga do Estripador.

O toque de recolher persistia e não se via nenhuma viva alma nas ruas, exceto robóticos militares e seres a quem se pagava por vil companhia.

Ao chegar em casa, coloquei o pagamento de Louison sobre o cavalete. Ao desfazer com rapidez o embrulho, qual não foi minha surpresa ao ver do que se tratava.

Era o retrato de Georgina, que eu pintara há décadas, antes de sua morte, antes do declínio da mansão e da sua família.

Do quadro emoldurado, fitava-me uma linda jovem de nem vinte anos. Seus olhos eram negros, em consonância com seus cabelos, lisos e também escuros. Os ombros eram perfeitos para se beijar e se desenhar.

Um dia, eu vivenciara aquelas duas experiências.

Deitei sobre o divã e deixei a mente vagar por questões de arte e estilo.

Nesses tempos velozes, o que significa uma imagem, essa forma de arte tão antiga, que nasceu com os gregos para revestir vasos de cerâmica? Teríamos ainda paciência para tudo aquilo que uma imagem comunica em sua estática narrativa?

Como se olha para uma tela? Como se observa as figuras dispostas na geometria de seu esboço? Poderia ainda se esperar que os espectadores estudassem suas cores, seu traçado, sua ordenação de linhas, sombras e tonalidades?

Numa época de máquinas fotogrâficas e dirigíveis que conectam grandes distâncias, como ainda esperar que imagens pintadas – construtos congelados no tempo e no espaço – tenham qualquer relevância?

Eu abandono o caderno e estas anotações obscuras, registros textuais de minhas incongruências de pintor, e tomo uma importante decisão.

Eu olho Georgina nos olhos e ela me devolve meus sonhos.

Está na hora de abandonar esta casa e suas telas inacabadas. O mundo me espera e também os resquícios dos prazeres e ímpetos que eu ainda posso viver.

Agradeço a Louison por esta última lição.

Esta história está contada.

Suas telas, pintadas.



SOBRE MULHERES CORAJOSAS & INFLUÊNCIAS PODEROSAS

Eu gosto de mulheres fortes. Por vários razões.

Primeiro, porque fui criado por uma. O fato de meu pai estar sempre na estrada devido ao seu trabalho, fez com que minha mãe assumisse as rédeas da casa em todos os aspectos concebíveis e imagináveis, o que incluía a educação de um filho único bem rebelde e mal comportado que era sempre muito cordial com os livros e insuportavelmente briguento com os amigos da vizinhança.

Segundo, porque cresci lendo quadrinhos e neles encontrei senhoritas bem cheias de fôlego e vigor, que nunca esperavam – ao menos nos gibis que eu lia – que os homens resolvessem os problemas por elas. Lembro de uma surra que Selina Kyle dá em Bruce Wayne em alguma dessas histórias. O pobre morcego apenas ficou ainda mais apaixonado por ela. E não poderia ser diferente, poderia?

Terceiro, porque aprendi que em literatura, mulheres são um enigma. E enigmas, são aquilo que nos mantém alertas, curiosos, vivos. Fossem Bovarys ou Ofélias, Minas ou Nadjas, Capitus ou Ritas, as personagens femininas sempre foram, ao menos pra mim, mais interessantes que muitos heróis masculinos.

Enquanto eles, na maioria dos casos, precisavam lutar contra seus auto-centrados demônios internos, elas precisavam lutar contra o mundo. Precisavam conquistar um espaço, uma voz, “um quarto que fosse só seu”.

Quando comecei a trabalhar na versão que se tornaria Brasileira Steampunk, dois acontecimentos me foram caros. Um deles, uma pintora que se tornou uma amiga. Outro, uma personagem ficcional que se tornou um modelo.

Imerso como estava na criação do romance e imerso como estava numa separação que havia levado consigo muitas das minhas

esperanças em qualquer relação afetiva séria, decidi visitar uma colega e amiga chamada Amanda Scherer. Outra mulher forte. Em sua casa, cheia de livros e pinturas, ela me mostrou a obra de uma artista local cujas telas retratavam, em sua maioria, mulheres.

Não mulheres frágeis. Não mulheres idealizadas. Não mulheres realistas. Mas mulheres fortes, poderosamente belas em suas diferentes idades, proporções, posições e também peles, pois muitas delas eram amarelas, verdes, azuis.

Semanas se passaram e eu fui contatar a pintora para encomendar uma de suas obras para o meu mausoléu. Afinal, tudo o que um solitário escritor precisa para criar sua atmosfera, além de suas felinas, seu cão de guarda imaginário e seus milhares de livros, são quadros de mulheres.

Quando entrei no apartamento de Carú Biasuz, um dos lugares mais aconchegantes que já havia visitado, um Palacete dos Prazeres ao seu modo, pelos perfumes, estofados, tecidos e obras visuais, levei um susto.

A pintora não era apenas talentosa como lindíssima. E eu, tomando cuidado para não me apaixonar por ela, fui observando suas telas e gravuras, que ela havia espalhado pelo chão da grande sala de sua casa.

Com cuidado, enquanto desviava daquele oceano de rostos e corpos femininos, escolhi quatro obras, além de encomendar uma maior, que ela fazia exclusivamente para mim e que dialogaria com minha fascinação por Blake.

Naquela tarde, ganhei uma amiga, me deixei fascinar pela artista, além de, quem poderia adivinhar?, me aproximei de uma pessoa que se tornaria também uma colega no estudo e na discussão sobre a noção de desejo nos livros iluminados do poeta e pintor inglês.

O segundo acontecimento diz respeito a Beatriz de Almeida & Souza, uma das heroínas do romance que estava escrevendo quando conheci Carú. Como aquele personagem nasceu? De onde surgiu? Como ela me veio à mente?

Não tenho resposta a essas perguntas, o que muito me agrada. Quer dizer, posso falar sobre o nascimento de qualquer personagem de “Lição de Anatomia”, menos dela, que surgiu como uma personagem coadjuvante, “a amante negra de Louison”, e que se tornou,

a meu ver, a melhor coisa que já escrevi até hoje.

Quando a história de “Lição de Anatomia” foi se desenvolvendo, queria afastar Louison de sua principal influência – Hannibal Lecter – e queria fazer isso dando ao monstro assassino um coração e um coração que ele poderia entregar a uma mulher que ele amasse.

Como Louison é um homem de gostos bem requintados, essa mulher não poderia ser qualquer mulher. Ela deveria ser gigantesca em seu espírito, vasta em sua coragem, inimaginável em seu percurso, admirável em cada traço de sua postura, enigmática em sua ousadia e em sua incapacidade de desistir.

Que mulher seria capaz disso tudo? Ora, ela precisaria ser uma mulher do mundo e uma mulher de literatura, uma “self made woman” que não se subjugasse ao patriarcado, à sociedade, aos limites impostos a ela. Uma dama que pudesse ser a concretização viva de todos os seus sonhos, de todos os seus próprios desejos.

A quinta parte do romance, que tem Beatriz por narradora, foi escrita em dois dias, horas antes de enviar o manuscrito para o concurso que possibilitaria a publicação do primeiro volume da série. Era a última parte que faltava e ela precisaria responder as várias perguntas que envolviam Louison e seus crimes. Como eu faria isso? Seria capaz de em tão pouco tempo chegar à voz de Beatriz como eu chegara à voz de Caminha, Bacamarte, Rita, Cândido e Louison?

E então veio a frase, num átimo, segundos depois de encarar a tela em branco daquela seção: “Meu nome é Beatriz de Almeida & Souza e sou filha de escravos.” O resto veio por si só. Menos por qualquer talento meu e mais porque naquela frase simples eu escutei o tom épico, heróico, corajoso e digno de Beatriz.

A capa deste conto, novamente de autoria de Diego Cunha, comunica em termos visuais o que eu formulei em termos textuais do seguinte modo:

A criatura caminhou em minha direção. Não havia maquiagem em seu rosto. Seus vastos e fartos cabelos presos atrás de sua cabeça. Vestia um cinzento terno masculino, feito para as medidas perfeitas do seu corpo. Seu passo era firme, forte e poderoso, como raramente vi em qualquer criatura, exceto nas panteras noturnas presas em jaulas humanas.

Mas em seu caso, nenhuma prisão era capaz de contê-la.

Lição de Anatomia é também uma homenagem às vozes femininas silenciadas da história. Espero que meu esforço em criar essas vozes faça jus ao encanto que nutro pelas figuras femininas que estão ao meu redor.

Carú Biasuz presenteou-me não apenas com suas telas e com sua personalidade, mas também com a foto que tirou de mim e que está na orelha do livro. Hoje, também me presenteia com sua amizade e por sua fascinante presença.

Beatriz veio para ficar, nos cenários da minha imaginação & além. Espero que as outras vozes femininas que eu venha a criar nos próximos romances ou contos da série estejam à altura dela e de todas as mulheres que eu admiro.

Um beijo a todas & a todos vocês.

Enéias Tavares

Santa Maria da Bocarra do Monte, 10 de junho de 2015.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

ENÉIAS TAVARES



Enéias Tavares não existe. Ao menos não em nosso plano terrestre. Como parcialmente revelado por Ana Cristina Rodrigues – ela não sabe da missa a metade! – trata-se de uma ilusão espaço/temporal produzida pelos delírios coletivos de um grupo de leitores afeitos à literatura retrofuturista, cultura nerd & romances decadentistas disfarçados de história de suspense. Para outros, trata-se de um pesquisador acadêmico que tem sido visto ensinando Literatura Clássica na Universidade Federal de Santa Maria. Publicou *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (Casa da Palavra/LeYa, 2014) e atualmente trabalha no segundo volume da série, cujo título provisoriamente é *O Parthenon Místico*. Como ele faz isso, ainda não se sabe. Apenas se cogita. Às vezes, o véu da realidade cede e vemos o que há do outro lado. Às vezes, algo atravessa o portal. No que concerne a ele, você não está enganado apenas num aspecto: Adamastor, seu cão de guarda disfarçado de bengala, realmente existe. O mesmo podemos dizer dos seus escorpões robóticos.

ANDRE CORDENONSI



A.Z.Cordenonsi é, na verdade, Andre Zanki Cordenonsi, um autor gaúcho de fantasia e aventura. Ele nasceu em 1975 em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde mora com a mulher, dois filhos, dois cachorros, um gato estressado e um terreno cheio de insetos estranhos e seres imaginários. É autor de ficção, com mais de uma dezena de contos já publicados. Foi finalista do Prêmio Argos 2014. *Le Chevalier e a Exposição Universal* é o seu último livro, um steampunk de aventura e espionagem publicado pela AVEC Editora.

DIEGO CUNHA



Alguns acreditam que tenha nascido na cidade de Bauru. Já outros, que tenha nascido onde vive atualmente, no reino das laranjas, na pequena vila de Limeira. Não se sabe ao certo. Sua lenda ainda é pouco conhecida e está em construção. Contam outras histórias, que ele já fez trabalhos para reinos do exterior ilustrando card games. Ademais, dizem que criou várias ilustrações para livros. Atualmente, continua a executar diversas missões as quais lhe são confiadas por nobres e reis, além de servir ao povo, na pequena prefeitura de seu vilarejo.

JÉSSICA LANG



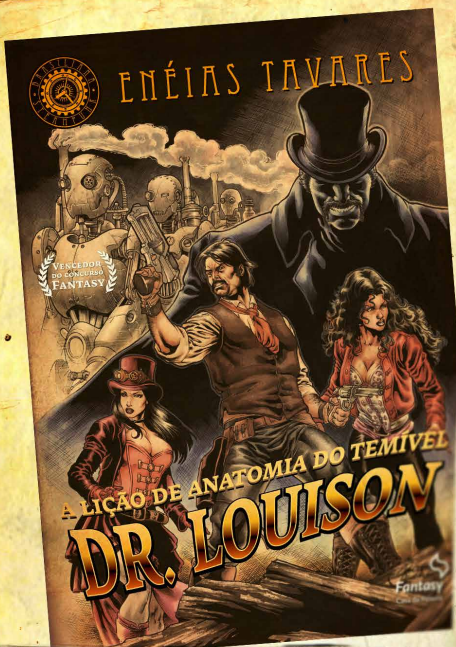
Jéssica Lang é designer, ilustradora e fotógrafa. Trabalha com o escritor Enéias Tavares em diversos projetos envolvendo Brasileira Steampunk. Também desenvolveu a capa e as ilustrações do romance Santuário, de Andrio Santos, além de trabalhar com o autor em outras histórias. Atualmente, dedica-se a composição de livros ilustrados e acabou de por as mãos na sua primeira TARDIS.

RICO BACELLAR



Rico Bacellar é designer gráfico, de produto e de exposições, formado pela ESDI/UERJ, com passagem pela FH Potsdam/Alemanha. No mundo bidimensional, desenvolve as capas brasileiras para autores como George R. R. Martin, Robin Hobb e Brandon Sanderson. No tridimensional, criou um jogo com laser, uma câmera estereoscópica e um golf caddy motorizado. O último lhe rendeu alguns prêmios, como o iF Product Design Awards e o

Design Preis. Na área de exposições, trabalha com divulgação científica, projetando brinquedos e aparatos interativos. Trabalhou no projeto de sinalização da Copa do Mundo FIFA 2014 e, atualmente, desenvolve produtos para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Nas horas vagas (que horas vagas?), gosta de criar máquinas e traquitanas feitas de Lego para relaxar. É dele o projeto gráfico da série Brasileira Steampunk. Enquanto trabalhava nele, não conversou com Enéias Tavares, mas misteriosamente, parecia que os dois estavam “sintonizados na mesma estação”.



Disponível
nos melhores
Bazares
de Livros,
Remédios
& Víveres!

No inverno de 1911, Isaías Caminha chega a Porto Alegre para cobrir a fuga do terrível "Estripador da Perdição", então sob a guarda do alienista Simão Bacamarte.

Integram tal mistério o Palacete dos Prazeres administrado por Rita Baiana e o Parthenon Místico, sociedade secreta que reúne o cientista louco Benignus, a médium indígena Vitória Acauã, o imortal Solfieri e os aventureiros Sergio e Bento